

A Obesidade Infanto-Juvenil e a Distorção da Auto-Imagem em uma Sociedade Perfeccionista ¹

Edson Ribeiro Gonçalves ²

Prof^a. Ms. Eriedna Santos Barbosa ³

RESUMO

Este estudo tem como objetivos, identificar as consequências psíquicas causadas pela obesidade infanto-juvenil, e propor atenção de enfermagem à saúde coletiva, direcionada às crianças na faixa etária de 6 a 12 anos, que sofrem de obesidade infantil. Este estudo possuiu um caráter descritivo-exploratório, apresentando uma abordagem qualitativa, e que, em função da necessidade de obter informações sobre essa temática, visou o método de estudo com exploração de campo, realizado em uma escola privada do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2010. Foram entrevistadas 72 crianças, cujo grau de escolaridade variava desde o 1º ano (antigo C.A) ao 7º ano (antiga 6ª série). Os resultados da pesquisa confirmaram a existência de preconceito social voltado aos indivíduos obesos, que podem sofrer tanto psicologicamente quanto socialmente, bem como distorção da auto-percepção; notou-se que a maioria não está satisfeita com a sua aparência, reforçando a perspectiva do apelo cultural e comelo cultural e contemporane peso e satemporâneo para o culto à forma física. Sugere também que o tema seja mais explorado pelos profissionais de saúde, pois, este trabalho, enfatiza a atenção à saúde psicossocial. A atuação dos profissionais de saúde na prevenção e um melhor entendimento à respeito desse problema, pode ocorrer em algumas situações, como, por exemplo, na saúde do aluno

¹ Este estudo foi apresentado como trabalho monográfico de conclusão do curso de graduação em enfermagem da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques - FTESM, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharelado em Enfermagem.

² Aluno de graduação em enfermagem da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques - FTESM.

³ Professora e orientadora do curso de enfermagem da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques – FTESM.

e na visitação da equipe de Estratégia à Saúde da Família - ESF, onde irá identificar um provável membro da família que é propenso a desenvolver a obesidade, explicando não somente para esse, mas para sua família, o que deve ser feito para evitar que essa situação se agrave. Da mesma forma, o profissional enfermeiro, juntamente com o profissional de educação infanto-juvenil, pode atuar conscientizando os alunos sobre o que é e o que representa o *Bullying* dentro das escolas, pois muitos sofrem efeitos biopsicossociais por conta desta vitimização. Os pesquisadores do presente estudo pretendem disponibilizar à escola de ensino fundamental que serviu como cenário da pesquisa, sugestões direcionadas à saúde psicossocial infanto-juvenil, focado na compreensão e aceitação da diversidade fenotípica, bem como a valorização e fortalecimento da auto-imagem. Com isso tentarão proporcionar nos sujeitos deste estudo benefícios psicológicos e sociais.

Palavras-chave: Auto-Imagem; Enfermagem; Obesidade Infanto-Juvenil.

1. INTRODUÇÃO

A escolha desse tema se deve ao fato dos pesquisadores possuírem um membro da família que apresenta a obesidade, o que nos gerou várias inquietações. Sendo que um deles sofre com as consequências decorrentes desta enfermidade como, por exemplo, comentários maldosos por parte dos colegas de turma, a não aceitação da sua aparência e a tentativa de fazer algo para emagrecer. Enquanto que o outro, por ter uma doença que faz emagrecer (Diabetes), agora se sente uma pessoa saudável, pois está magra, mostrando dessa forma o quanto a Diabetes para esta pessoa é algo irrelevante, já que a mesma relatou que “adora ser diabética”, e por conta da sua magreza é aceita e até elogiada em algumas ocasiões.

A segunda situação descrita acima, nos mostra que não importa os caminhos que levam a pessoa a emagrecer, mais sim o resultado final, ou seja, a perda de peso, ficando evidente o quanto a forma física é preconizada e valorizada por todos. Essa doença ocorre devido a alguns fatores, sendo eles genéticos relacionados ao estilo de vida desses pacientes, a má alimentação por parte dos mesmos e, sobretudo ao sedentarismo.

A opção pelo objeto de estudo “a obesidade infanto-juvenil e a distorção da auto-imagem em uma sociedade perfeccionista” deu-se pela necessidade de difundir os efeitos psicológicos nos jovens obesos, pela não aceitação em sociedade, bem como nos não obesos que podem estigmatizar e excluir outros, podendo desencadear inadaptação social. Esta pesquisa tem como objetivos identificar as consequências físicas e psíquicas causadas pela obesidade infanto-juvenil e propor atenção de enfermagem à saúde coletiva direcionada às crianças na faixa etária de 6 a 12 anos que sofrem de obesidade infantil.

O tema desenvolvido nesse estudo tornou-se relevante para difundir os efeitos da obesidade sobre a psique humana, dentro do contexto social de nossa contemporaneidade, trazendo a enfermagem em saúde mental para refletir de forma interdisciplinar sobre este fenômeno.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo possui um caráter descritivo-exploratório, apresentando uma abordagem qualitativa.

Para a pesquisa qualitativa, Triviños (1990) explica que compreendem atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. “Esta é a ideia fundamental que pode ajudar-nos a ter uma visão mais clara do que se pode chegar a realizar. O pesquisador tem o objetivo de atingir uma interpretação da qualidade do ângulo qualitativo”.

Segundo Minayo (2003) a pesquisa qualitativa surge diante da impossibilidade de investigar e compreender, por meio de dados estatísticos, alguns fenômenos voltados para a investigação dos significados das relações humanas, onde suas ações são influenciadas pelas emoções e/ou sentimentos aflorados diante das situações vivenciadas no dia a dia.

O trabalho de campo proporciona uma maior aproximação com o que se deseja estudar. Além de permitir a ampliação de conhecimentos baseados na realidade existente em campo, a relação direta do pesquisador com os sujeitos a serem estudados é de extrema importância para esse tipo de trabalho (MINAYO, 2002).

O desenho deste estudo se desenvolveu em uma escola privada de nível fundamental, do Município do Rio de Janeiro. Neste cenário foram

delimitados alguns critérios para definir os possíveis “atores sociais” para este estudo. Dos 50 (cinquenta) estudantes do ensino fundamental inseridos neste grupo, temos: crianças e pré-adolescentes com idades entre seis e doze anos, com as devidas autorizações dos responsáveis. Os responsáveis responderam a um questionário estruturado no formato fechado.

Segundo Amaro et al, 2005. o questionário fechado, que tal como o nome indica, apresenta questões fechadas, permitindo a comparação com outros instrumentos de recolhimento de dados.

Este estudo cumpriu as exigências bioéticas para pesquisa com seres humanos, seguindo as determinações da Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Assim como a preocupação com quatro referências básicas da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e equidade, vale ressaltar algumas preocupações bioéticas pertinentes.

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, foi iniciada a coleta de dados. E na realização de cada entrevista, foram explicados aos pais e aos entrevistados os objetivos do estudo e a partir do aceite verbal dos responsáveis, foi solicitado que os mesmos lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A partir daí podíamos iniciar a coleta de informações, sempre objetivando não atrapalhar a rotina escolar dos entrevistados. Todas essas etapas são respaldadas nos aspectos éticos e legais da Resolução 196/96, do CNS (BRASIL, 1987).

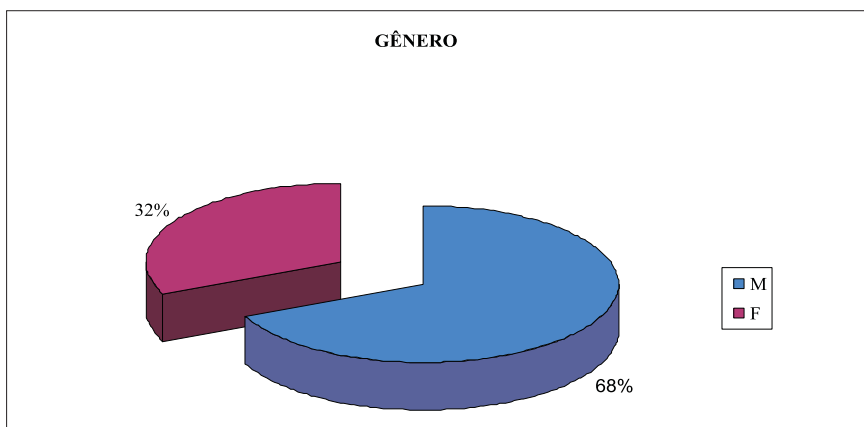
Depois da coleta de dados iniciou-se a análise de conteúdo respaldada nas teorias de Bardin (1977) este método de análise é usado quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentaremos agora a primeira parte dos resultados contendo o perfil estabelecido dos pesquisados no estudo, tendo como base, a interpretação dos gráficos mediante as variáveis do ensino infantil.

Após lermos atentamente as informações contidas na primeira parte do roteiro, onde constavam perguntas sobre as características dos sujeitos selecionados, elaboramos alguns gráficos a fim de demonstrá-las. Tais informações ajudaram a traçar a identificação deste e sua contribuição à ciência da saúde.

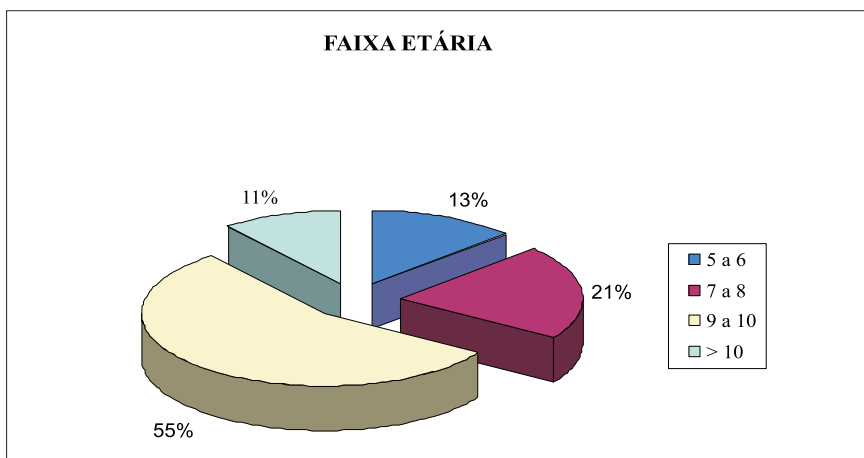
Gráfico 1: Distribuição dos sujeitos coletados por gênero no ensino infantil.



Fonte: 1º item do questionário da pesquisa

O gráfico 1 mostra que dos sujeitos selecionados 68% são do gênero masculino e 32% do gênero feminino.

Gráfico 2: Distribuição dos sujeitos coletados por faixa etária no ensino infantil.

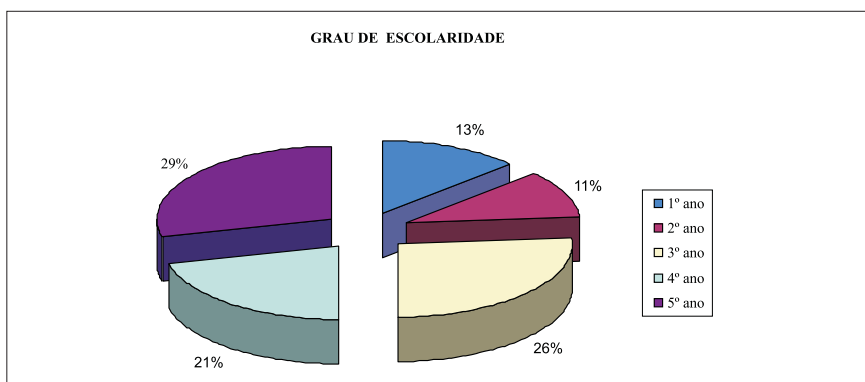


Fonte: 2º item do questionário da pesquisa

O gráfico 2 demonstra que dos sujeitos pesquisados no ensino infantil, 11% são maiores de 10 anos, 13% apresentam idade entre 5 e 6 anos, 21% apresentam idade entre 7 e 8 anos e 55% apresentam idade 9 e 10 anos.

O que nos leva a refletir sobre o desenvolvimento escolar tardio de um grupo considerável, em nossa amostra, pois do grupo de indivíduos na faixa etária de 9 a 10 anos, 38% ainda se encontra no 3º ano, 28,6% estão no 4º ano e 33,4% no 5º ano do ensino infantil, que confere a idade adequada ao desenvolvimento escolar esperado.

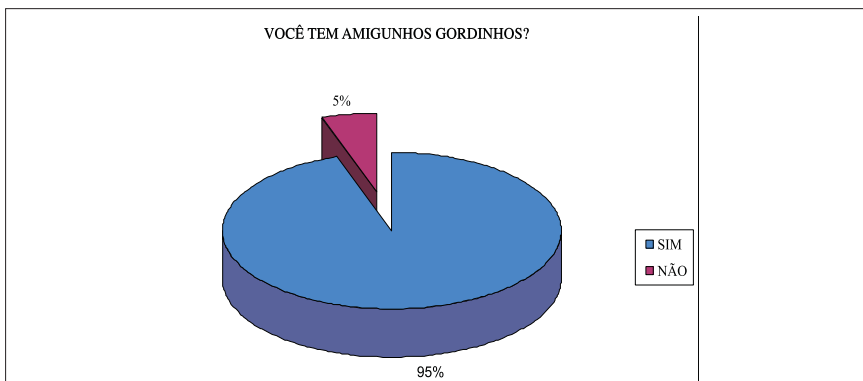
Gráfico 3: Distribuição dos sujeitos coletados por grau de escolaridade no ensino infantil.



Fonte: 3º item do questionário da pesquisa

O gráfico 3 mostra que dos sujeitos selecionados no ensino infantil, 11% estão no 2º ano, 13% estão no 1º ano, 21% estão no 4º ano, 26% estão no 3º ano e 29% estão no 5º ano. O que caracteriza uma distribuição equânime das séries dos pesquisados no ensino infantil, permitindo assim que a pesquisa seja mais próxima à perspectiva real deste grupo populacional.

Gráfico 4: Prevalência de amigos gordos no convívio social dos sujeitos no ensino infantil.

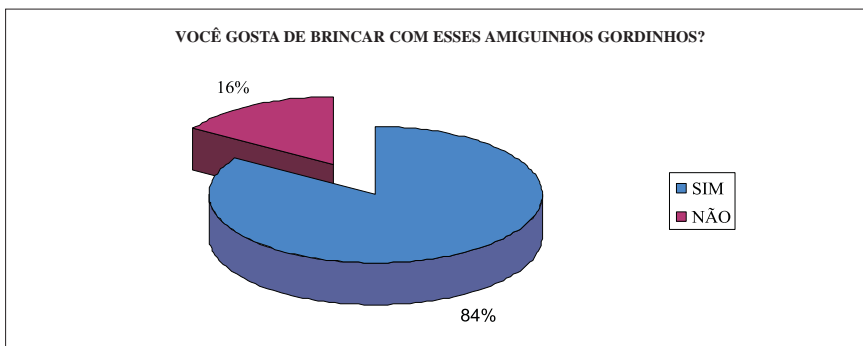


Fonte: 4º item do questionário da pesquisa

O gráfico 4 mostra que dos sujeitos coletados no ensino infantil, 95% deles têm amigos gordos no seu convívio social, enquanto que somente 5% não têm esses amigos no seu convívio.

A prevalência de obesidade também está crescendo intensamente, na infância e na adolescência, e tende a persistir na vida adulta: cerca de 50% de crianças obesas aos seis meses de idade, e 80% das crianças obesas aos cinco anos de idade, permanecerão obesas (LAMOUNIER, 2002).

Gráfico 5: Relatos sobre o prazer em convívio social com indivíduos gordos.

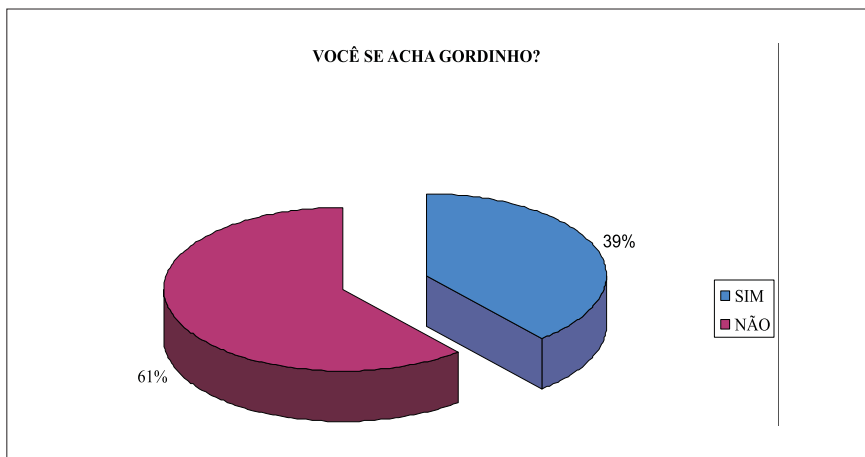


Fonte: 5º item do questionário da pesquisa

O gráfico 5 mostra que dos sujeitos da pesquisa, 84% gostam de brincar com seus amigos gordos enquanto que 16% não gostam.

A partir da análise de Balaban et al, 2001, as prevalências de sobrepeso e obesidade foram de 26,2% e 8,5%, respectivamente. E conclui-se que o sobrepeso consiste num problema tão frequente na nossa amostra quanto nos países desenvolvidos, e que a prevalência da obesidade, embora não tenha atingido a magnitude observada naqueles países, já é preocupante em nosso meio.

Gráfico 6: Percepção da Auto-Imagem dos sujeitos coletados no ensino infantil.

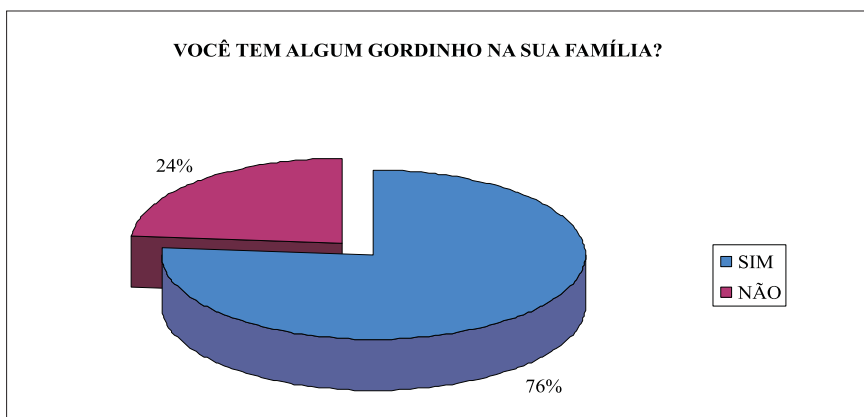


O gráfico 6 demonstra que 61% dos sujeitos não se acham gordos, enquanto 39% se acham. Tais dados não correspondem à avaliação superficial realizada, pelo pesquisador, sobre a estrutura corpórea desse grupo de sujeitos, tendo sido observado um percentual de sobrepeso maior que o reconhecido pelos indivíduos.

Veiga, 2006 vincula a auto-percepção com a negação do que não é considerado perfeito para nossa sociedade, a diminuição da auto-estima e a distorção corporal são eventos constantes na sociedade contemporânea. O discurso da massificação corporal em um padrão plástico deve ser seguido em troca de promessas de felicidade. Falsa promessa.

Esses indivíduos apresentam uma distorção da sua imagem corporal de tal forma que, mesmo extremamente magros, podem avaliar-se “gordos”, ou ainda, sentirem-se magros, mas permanecendo preocupados com partes “gordas” de seu corpo. O peso corporal é altamente valorizado, sendo a perda de peso apreciada e julgada como uma extraordinária conquista e uma formidável demonstração de auto-controle (GIORDANI, 2006).

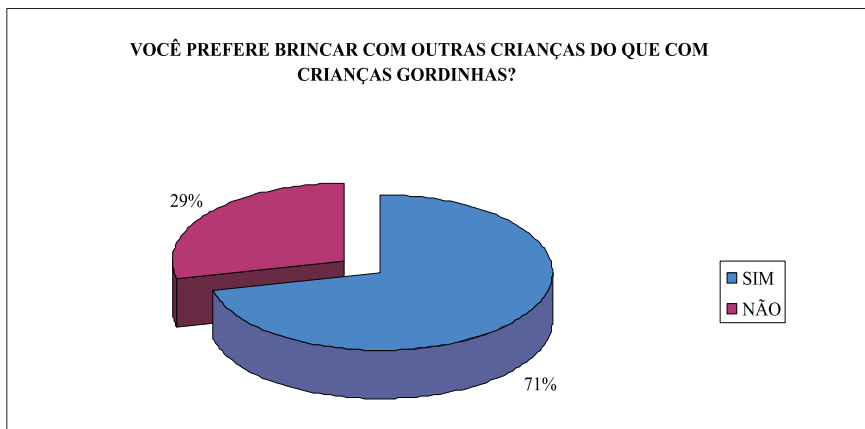
Gráfico 7: Prevalência de parentes gordos no convívio familiar.



Fonte: 7º item do questionário da pesquisa

No gráfico 7, nota-se que 76% dos sujeitos relatam ter algum parente gordo na família, enquanto que 24% não o têm. Escrivão, 2000 considera que o fator de risco mais importante para o aparecimento de obesidade na criança é a presença de obesidade em seus pais, pela soma da influência genética e do ambiente. Para Cysneiros, 1996 de acordo com estimativas recentes, a criança que tem os pais obesos tem 80% de chance de se tornar obesa, enquanto que a proporção diminui para 40% quando apenas o pai ou a mãe é obeso. Estudos comparando o peso corporal relativo de crianças adotadas com os pais adotivos e biológicos sugerem um maior componente genético na incidência da influência da obesidade. Entretanto, apesar dessa indiscutível evidência da influência genética no desenvolvimento da obesidade, influências ambientais também têm sido bem documentadas.

Gráfico 8: A interação social com crianças gordas.



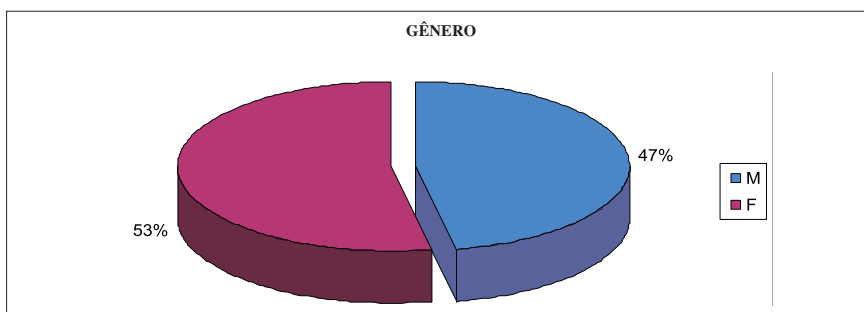
Fonte: 8º item do questionário da pesquisa

O gráfico 8 demonstra que 29% dos sujeitos entrevistados preferem brincar com ambas as crianças (obesas e magras), enquanto que 71%, preferem brincar com outras crianças, ficando evidente, dessa forma, a exclusão que as crianças gordas sofrem por parte da sociedade.

Na perspectiva de Ferriani et al 2005, outro aspecto apontado como relevante no convívio social dos adolescentes obesos é a limitação na realização das atividades físicas, o que apareceu como mais um obstáculo real em consequência do excesso de peso, ocasionando prejuízos nos relacionamentos sociais, somados aos sentimentos de impotência e fracasso. Allon, 1979 reafirma esta percepção ao citar que o indivíduo com sobrepeso frequentemente refere-se ao peso como um fator agravante na interação social, sofrendo discriminações que interferem em seus relacionamentos sociais e afetivos.

Agora analisaremos a segunda parte dos resultados finais contendo o perfil estabelecido dos sujeitos do estudo tendo como base, a interpretação dos gráficos mediante as variáveis no ensino fundamental.

Gráfico 1: Distribuição dos sujeitos coletados por gênero no ensino fundamental.



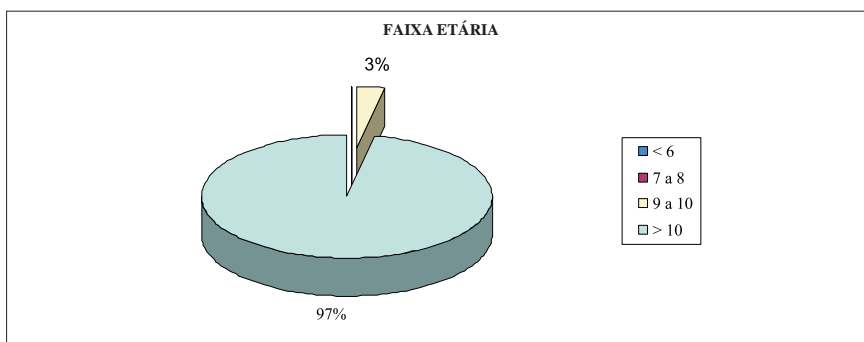
Fonte: 1º item do questionário da pesquisa

O gráfico 1 mostra a distribuição dos sujeitos coletados por gênero no ensino fundamental, onde 53% são do sexo feminino e 47% são do sexo masculino.

Segundo o IBGE em seu sistema de projeções e estimativas populacionais sócio-demográficas, indivíduos na faixa etária de 10 a 12 anos consistem em 10.029.368 em todo território nacional no ano de 2010.

Desde a década de 1940 os grupos mais jovens, com faixa etária de 5 a 14 anos, apresentam menores taxas de evasão escolar no gênero feminino. (ROSEMBERG, 1975).

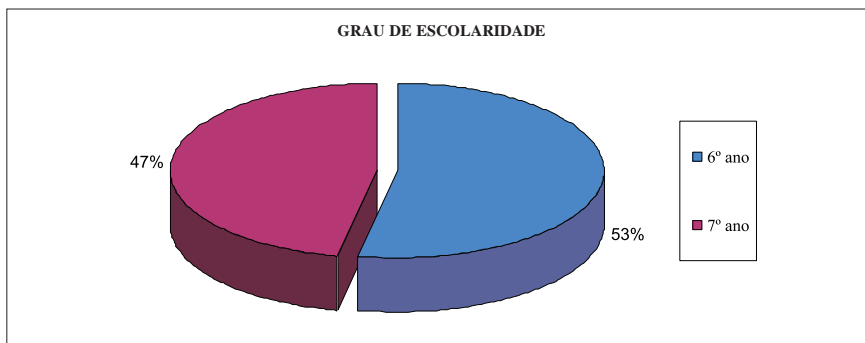
Gráfico 2: Distribuição dos sujeitos coletados por faixa no ensino fundamental.



Fonte: 2º item do questionário da pesquisa

O gráfico 2 mostra a distribuição dos sujeitos coletados do ensino fundamental por faixa etária, onde 97% são maiores de 10 anos e somente 3% apresentam idade entre 9 e 10 anos.

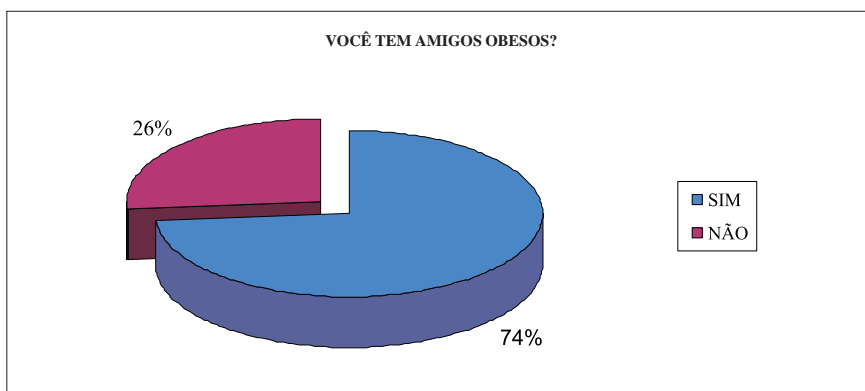
Gráfico 3: Distribuição dos sujeitos coletados por grau de escolaridade no ensino fundamental.



Fonte: 3º item do questionário da pesquisa

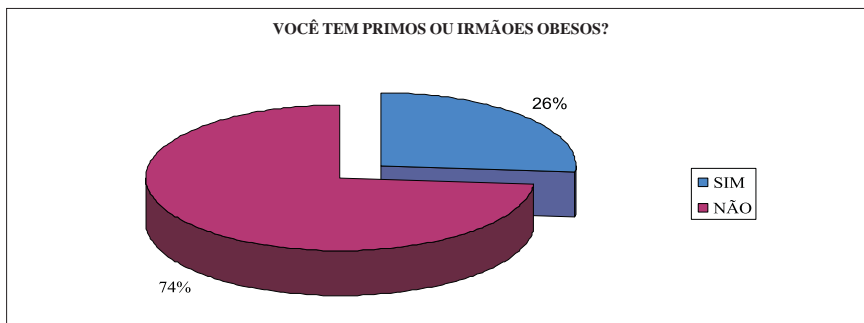
O gráfico 3 mostra a distribuição dos sujeitos coletados do ensino fundamental por grau de escolaridade, onde 53% são do 6º ano e 47% são do 7º ano.

Gráfico 4: Prevalência de amigos obesos no convívio social dos sujeitos no ensino fundamental.



Fonte: 4º item do questionário da pesquisa

Gráfico 5: Prevalência de parentes obesos no convívio familiar.



Fonte: 6º item do questionário da pesquisa

O gráfico 4 mostra que, dos sujeitos da pesquisa coletados, 74% disseram ter amigos obesos e somente 26% dizem não os ter. E o gráfico 5 mostra que 74% dos sujeitos não apresentam nenhum irmão ou primo obeso, enquanto 26% os apresentam.

Monteiro et al, 1995 analisa que a adolescência e pré-adolescência é uma etapa da vida que apresenta intensas transformações no processo de crescimento e desenvolvimento.

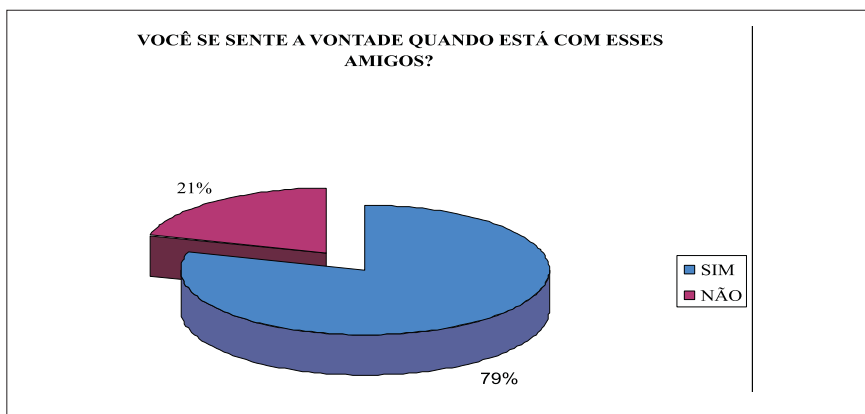
Desta forma, a obesidade torna-se ainda mais problemática quando surge ou se agrava nessa etapa.

De acordo com Muller (2001), um dos momentos mais críticos para o aparecimento da obesidade é o início da adolescência.

O fator de risco mais importante para a criança tornar-se obesa é a frequência de obesidade entre os familiares, pela soma da influência genética e dos fatores ambientais, como os hábitos alimentares, que determinam os níveis de ingestão de energia, o estilo de vida da família, relacionado ao gasto energético e todo o contexto familiar (NGUYEN, 1996).

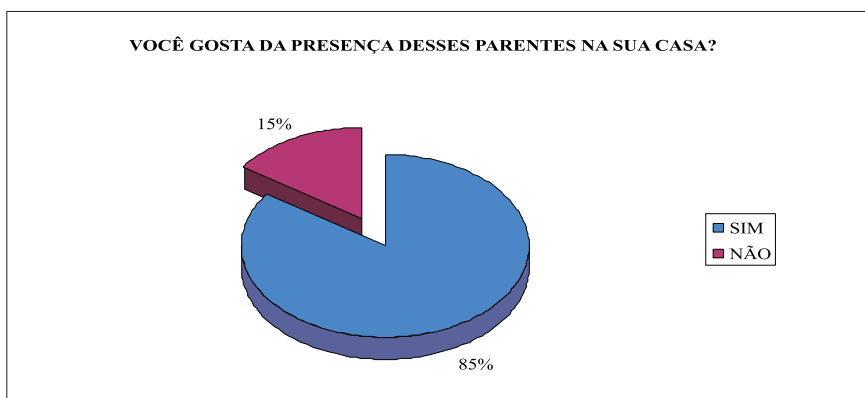
Em algumas famílias os adultos têm verdadeiro pânico em relação a crianças magras; estas chegam a sofrer um bombardeamento alimentar, através de vitaminas, farinhas e complementos, para evitar o risco de uma preocupante “anemia”; em compensação, quando chegam a adolescência o pânico é oposto: tudo deve ser controlado, para evitar que ela engorde e se torne objeto de chacotas. Perante o médico, no entanto, a declaração dos pais é sempre a mesma: “Não entendo por que esta criança é gorda: ela não come demais” (KAUFMAN, 1999).

Gráfico 6: Relato sobre a boa convivência com pessoas obesas.



Fonte: 5º item do questionário da pesquisa

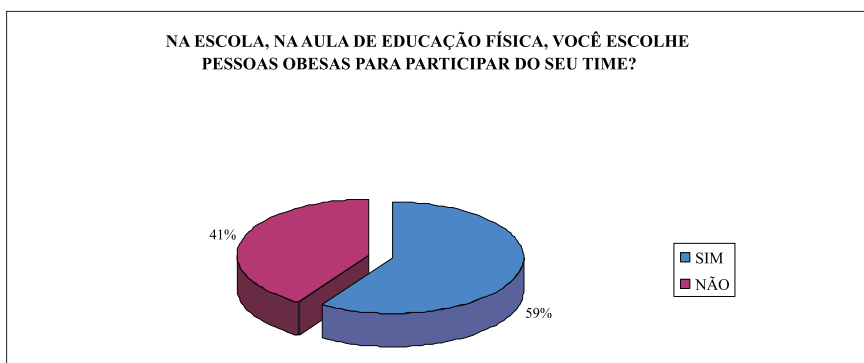
Gráfico 7: Relato sobre a boa convivência com parentes obesos.



Fonte: 7º item do questionário da pesquisa

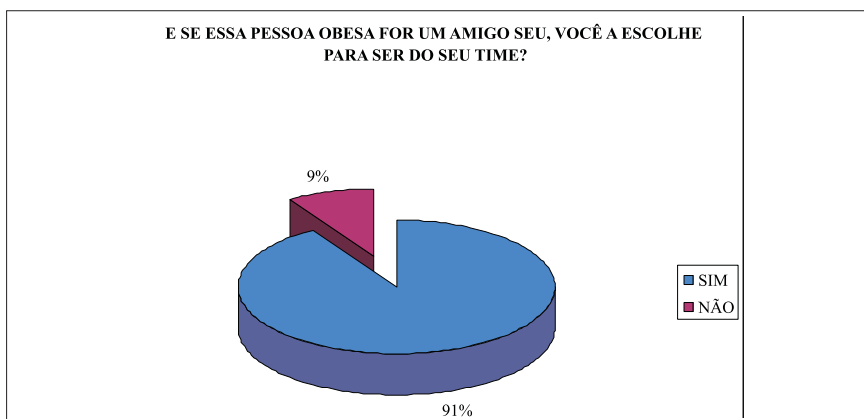
O gráfico 6 mostra que dos sujeitos coletados, 79% disseram se sentir à vontade quando estão na presença desses amigos obesos, enquanto que 21% não gostam da presença desses amigos obesos. E o gráfico 7 mostra que, dos sujeitos coletados, 85% relataram gostar da presença de seus parentes obesos dentro da sua casa, enquanto que somente 15% não gostam.

Gráfico 8: Relação com colegas de turma obesos em atividade física.



Fonte: 8º item do questionário da pesquisa

Gráfico 9: Relação com amigos que são obesos em atividades físicas.

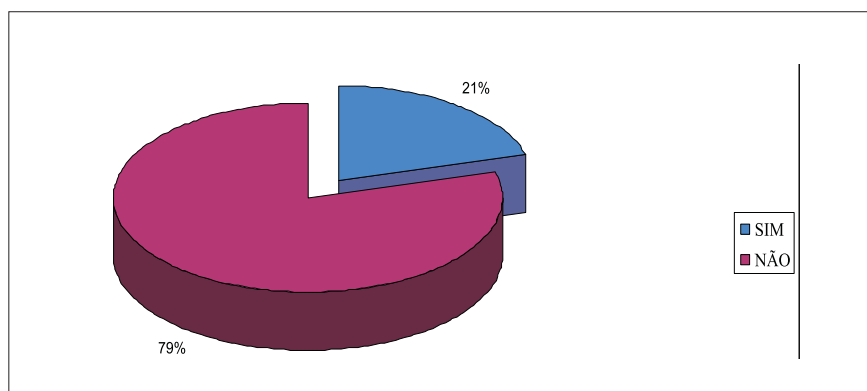


Fonte: 9º item do questionário da pesquisa

O gráfico 8 mostra que dos sujeitos coletados, 59% escolheriam amigos obesos para participar de atividades físicas e 41% não teriam esta atitude. Porém, o gráfico 9 mostra que dos sujeitos coletados, 91% disseram que escolheriam um amigo obeso para ser do seu time na aula de Ed. Física, enquanto que somente 9% não chamariam, mesmo sendo uma pessoa ami-

ga . O que nos remete para a seguinte reflexão, a exclusão é atenuada a partir do vínculo emocional com os sujeitos.

Gráfico 10: Relação social pejorativa com pessoas obesas.



Fonte: 10º item do questionário da pesquisa

O gráfico 10 mostra que dos sujeitos coletados, 79% disseram que não chamam pessoas obesas por apelidos pejorativos, enquanto que 21% que chamam por apelidos.

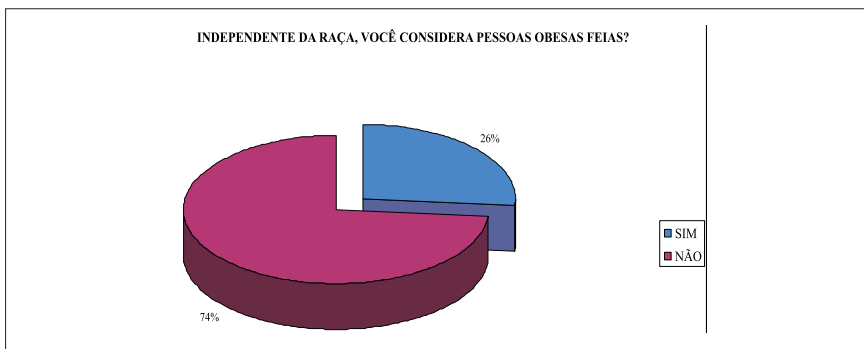
Considerando a avaliação de nossa amostra, percebemos que a prática de nomenclatura pejorativa por parte dos colegas, é relativamente pequena, no entanto tal fato não faz com que o fenômeno do *Bullying* possa ser desconsiderado na realidade dos sujeitos em questão.

Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. (NETO et al 2004).

O *bullying* e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência. O *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de uma outra mais poderosa. Tanto o

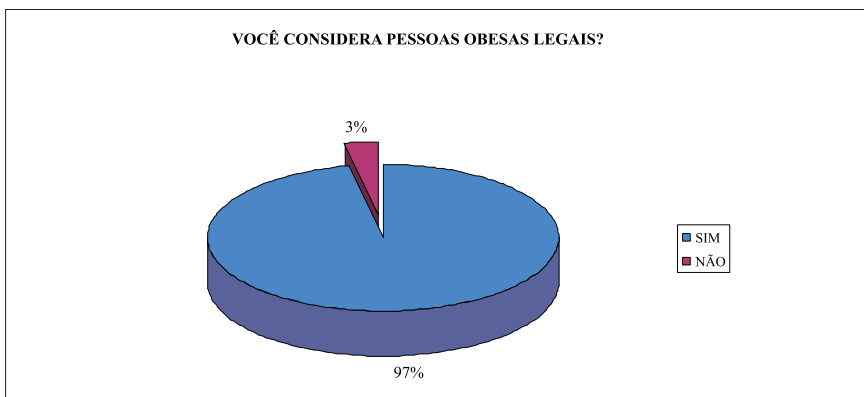
bullying como a vitimização têm consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores (NETO et al 2004).

Gráfico 11: Avaliação da relação obesidade e beleza.



Fonte: 12º item do questionário da pesquisa

Gráfico 12: Avaliação da relação obesidade e qualidades de personalidades.



Fonte: 13º item do questionário da pesquisa

O gráfico 11 mostra que, dos sujeitos coletados, 74% não consideram pessoas obesas feias, independente da raça delas, enquanto que 26% consideram pessoas obesas feias seja qual for a raça delas. O gráfico 12

mostra que, dos sujeitos coletados, 97% consideram pessoas obesas legais, enquanto que somente 3% não as consideram.

A sociedade contemporânea vem sofrendo uma série de transformações ao longo da história em decorrência dos avanços na industrialização, das constantes mudanças na informática, do processo de globalização, entre outros. Todos os teóricos se encontram quando de uma forma ou de outra falam de uma sociedade contemporânea marcada por muitas fragmentações, ausência de limites e abundância de paradoxos que influenciam tanto no social quanto no psiquismo humano (MOREIRA, 2009).

Hoje podemos ver a criação de consumidores para os produtos e não produtos para os consumidores. Bauman (1998) nos alerta sobre a responsabilidade individual das escolhas, baseadas na “globalização da vida individual” que contribui para a criação de consumidores. Mas, sendo o critério norteador da sociedade de consumo o poder de compra, aqueles que não podem comprar serão excluídos. O sujeito “puro” da sociedade de consumo é o comprador e a impureza que deve ser banida se encontra do lado daqueles que podem consumir. Parece que os obesos ao mesmo tempo em que são consumidores implacáveis, são os fracassados na lógica consumista. Os obesos alimentam a indústria do consumo quando se propõem a comer tudo até inflar e depois podem consumir dietas, cirurgias e medicamentos para emagrecer. Mas, por outro lado, quando ultrapassam a lógica do consumo, se tornando a imagem do excesso e da falta de medida, serão os excluídos, os detritos do campo do consumo. A obesidade então remete a uma violação das regras sociais desta cultura do espetáculo. (MOREIRA, 2009).

Seguindo na sugestão de Bauman (1998) que cada época constroi suas impurezas, podemos pensar que a ideia de pureza baseada na imagem ditada pela cena social, é representada pelos corpos magros, esbeltos, sarados, sendo o homem julgado e classificado de acordo com sua obediência e a essa imagem a ser construída. Sabemos que as sociedades pós-modernas consagram o corpo como emblema de si, o corpo revela quem você é: um fracassado ou um bem sucedido.

Uma vez que a sociedade não consegue a remoção da impureza, então a exclusão desses consumidores falhos é mais barata. No transporte coletivo, nos aviões não há espaço para o obeso, a numeração das roupas é cada vez menor, no mercado de trabalho as portas se fecham de forma quase discreta, as relações afetivas são prejudicadas, aos obesos ficam reservados os lugares de piadas nos programas humorísticos. (MOREIRA, 2009).

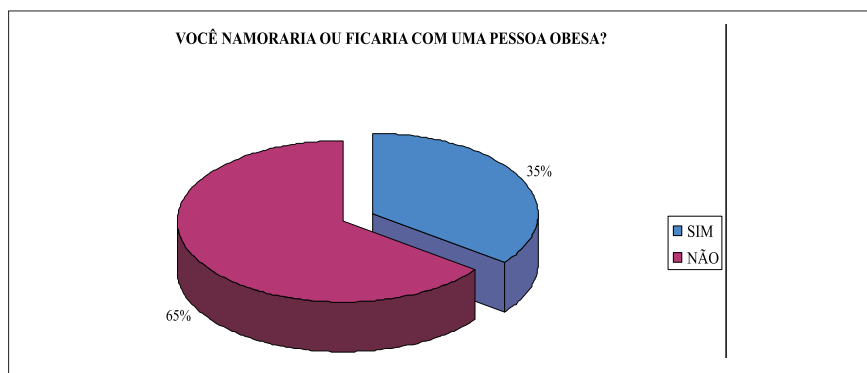
Os obesos são o incômodo social, sendo atacados por um julgamento moral perverso dos defensores da saúde, da qualidade de vida. Assim, a saída mais rápida é a cirurgia bariátrica, que ocorre sem indicações, sem critérios como uma maneira “indolor” de eliminar o excesso, possibilitando que cada um construa o seu corpo, modele sua aparência. (MOREIRA, 2009).

A obesidade traz imagens e significações sociais que a conecta com um lado pesado e lento em contraste com a leveza e a velocidade do mundo contemporâneo. Ser obeso significa ser estranho descuidado e imoral. Nos dias atuais, o corpo é espetáculo a ser admirado. A obesidade mórbida é exatamente o inverso do ideal pregado pela cultura atual. (MOREIRA, 2009).

Os obesos parecem ser aqueles que foram nomeados pelos “normais” como os que devem ser extirpados do cotidiano, para que o mundo se torne mais belo e harmonioso. E assim não encontramos obesos em academias, nos espaços públicos e sim trancados em casa de frente a uma televisão consumindo programas sobre saúde e sobre obesos nos canais pagos, com uma garrafa de coca-cola zero e muita pipoca de micro-ondas. (MOREIRA, 2009).

A obesidade representa um empecilho à mobilidade tão valorizada na atualidade, servindo como exemplo de inadequação, de falta de iniciativa e devendo, portanto ser combatida pelos outros e pelo próprio obeso (MOREIRA, 2009).

Gráfico 13: Relatos sobre a preferência para relacionamentos afetivos.



Fonte: 14º item do questionário da pesquisa

O gráfico 13 mostra que, dos sujeitos coletados, 65% não namorariam ou ficariam com pessoas obesas, enquanto que 35% namorariam ou ficariam com essas pessoas. Este dado nos faz questionar algumas respostas anteriormente coletadas, pois fica notório o discurso falacioso, buscando uma atitude “politicamente correta”.

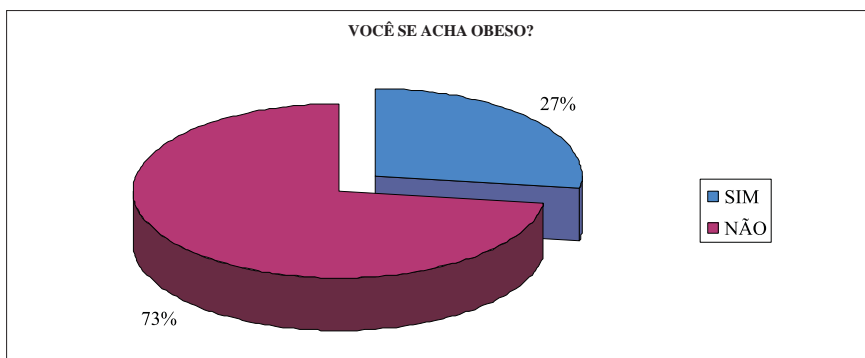
O adolescente obeso muitas vezes vivencia experiências estigmatizantes ao sofrerem com brincadeiras e receberem apelidos pejorativos relacionados com seu excesso de peso. Tais fatos geraram sentimentos de conflito com a própria imagem corporal e baixa autoestima. Por outro lado, também foi constatada a dificuldade que os adolescentes obesos enfrentam no momento de fazer novos amigos e nas situações de paquera, os indivíduos obesos, algumas vezes, podem parecer alegres e despreocupados no convívio social, mas sofrem com o sentimento de inferioridade, insatisfação, carência afetiva e tendem a revelar profunda necessidade de serem amados e aceitos.(FERRIANI, 2005).

A origem da palavra “falaz” remete à ideia do deceptivo, do fraudulento, do ardiloso e do enganador. Todavia convém não confundir Falácias com Mentiras, pois as mentiras são desvios ou erros sobre fatos reais, enquanto que as falácias, por outro lado, são discursos, ou tentativas de persuadir o ouvinte ou leitor, promovendo um engano ou desvio. Afinal, as estruturas de apresentação de informação falaciosa, não respeitam uma lógica correta ou honesta, pois foram manipuladas certas evidências ou ainda porque há insuficiência de prova concreta e convincente para determinação da afirmação (MARRA, 2008).

Uma afirmação falaciosa pode ser composta de fatos verdadeiros, mas sua forma de apresentação leva a conclusões erradas. Ela é um argumento logicamente inconsciente, inválido, ou falho na capacidade de provar eficazmente o que afirma. São argumentos que se destinam à persuasão e podem parecer convincentes para a grande parte de um público alvo, mas não deixam de ser falsas por causa disso (MARRA, 2008).

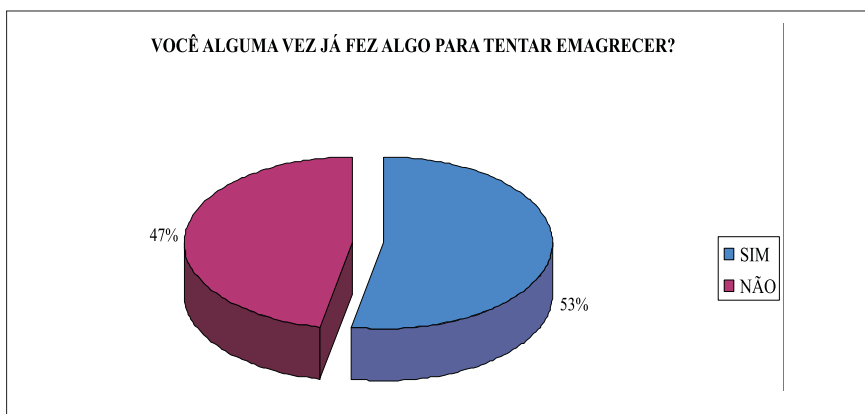
Reconhecer as falácias é muitas vezes difícil, e elas estão espalhadas por toda parte, pois tais argumentos podem até ter validade emocional, íntima, psicológica ou emotiva, mas nunca possuem uma validade lógica, genuína e verdadeira (MARRA, 2008).

Gráfico 14: A Auto-Imagem dos sujeitos do ensino fundamental.



Fonte: 11º item do questionário da pesquisa

Gráfico 15: Relatos e atitudes em busca da estética perfeita.



Fonte: 16º item do questionário da pesquisa

O gráfico 14 mostra que dos sujeitos coletados, 73% disseram não se achar obesos, enquanto que 27% se acham obesos. Já o gráfico 15 mostra que, dos sujeitos coletados, 53% disseram já ter feito alguma coisa para tentar emagrecer, enquanto 47% nunca usaram nenhum método para tentar emagrecer.

Mesmo não se considerando com sobrepeso ou obesos os sujeitos da pesquisa relatam já terem recorrido a algum método de emagrecimento,

logo a ponderação sobre tal fato nos remete a um fenômeno da contemporaneidade que é a busca da beleza ideal com o perfeccionismo físico.

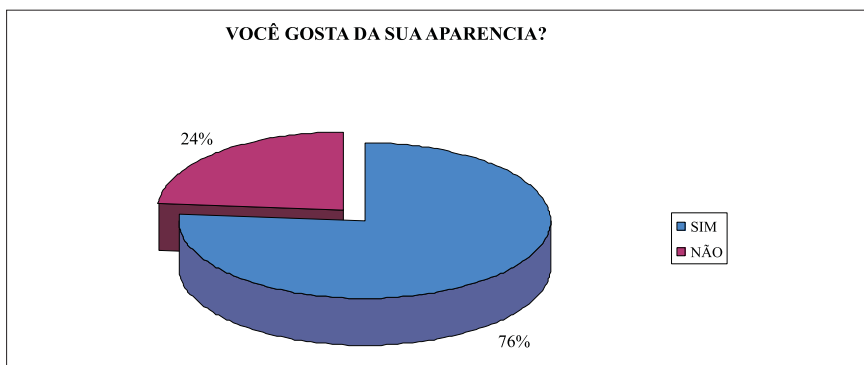
O ideal de corpo perfeito, preconizado pela nossa sociedade e veiculado pela mídia, leva as mulheres, sobretudo na faixa adolescente, a uma insatisfação crônica com seus corpos, ora se odiando por alguns quilos a mais, ora adotando dietas altamente restritivas e exercícios físicos extenuantes, como forma de compensar as calorias ingeridas a mais, na tentativa de corresponder ao modelo cultural vigente. Dessa forma, aumenta-se a pressão da equação: promessa de felicidade e beleza igual a consumo (KUTSCKA, 1993).

Nesse sentido, os sujeitos buscam mudanças constantemente, seja para se reconstruir atendendo ao seu ideal estético, funcional ou, em casos extremos, numa busca incessante por mudanças (ANDRIEU, 2006).

De acordo com Serra e Santos (2003), o poder atual da mídia caracteriza-se por produzir sentidos, projetá-los, legitimá-los, dando visibilidade aos fenômenos que atraem primeiramente a atenção dos jornalistas. A função destes não se esgota entre o acontecido e o público. Os jornalistas selecionam, enfatizam e interferem por meio de palavras e imagens na construção simbólica dos acontecimentos. Tal construção é um processo que pode encontrar resistências e modificar-se ao longo da produção e veiculação do que é noticiado. A esse respeito, Citeli (2001) afirma que muitas vezes o conhecimento científico é disseminado em versões simplificadas, de acordo com as limitações do público ou distorcido e degradado da verdade original por quem o difunde.

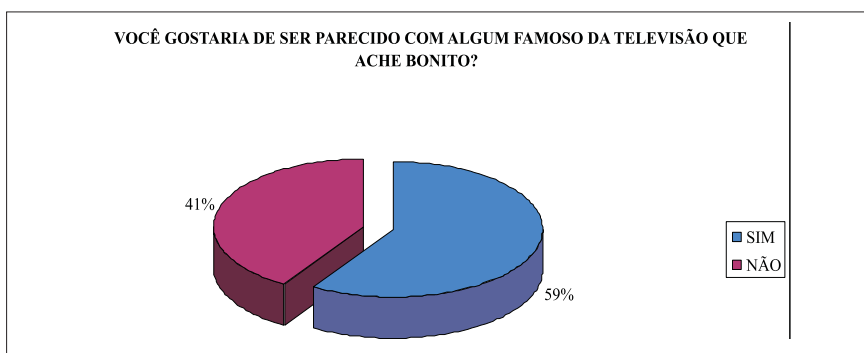
Serra e Santos (2003), que pesquisaram a relação entre o adolescente e a obesidade, relatam que é no aspecto biológico, uma das fases em que se dá maior velocidade do crescimento do indivíduo, o que implica uma necessidade e consumo considerável, de alimentos calóricos; ou, ao contrário, leva o adolescente a estar muito preocupado com a imagem corporal, cedendo a um padrão que privilegia o corpo esguio e esbelto, podendo acarretar o desenvolvimento de transtornos alimentares tais como a anorexia e a bulimia nervosa. Nesse sentido, os meios de comunicação veiculam ou produzem notícias, representações e expectativas nos indivíduos com propagandas, informações e noticiários ambíguos. Na mesma medida que estimulam o uso de produtos dietéticos, práticas alimentares saudáveis e de exercícios, instigam o leitor ao consumo de lanches calóricos e gordurosos.

Gráfico 16: Percepção da Auto-Imagem.



Fonte: 15º item do questionário da pesquisa

Gráfico 17: Percepção da Auto-Imagem e Influência da mídia.



Fonte: 17º item do questionário da pesquisa

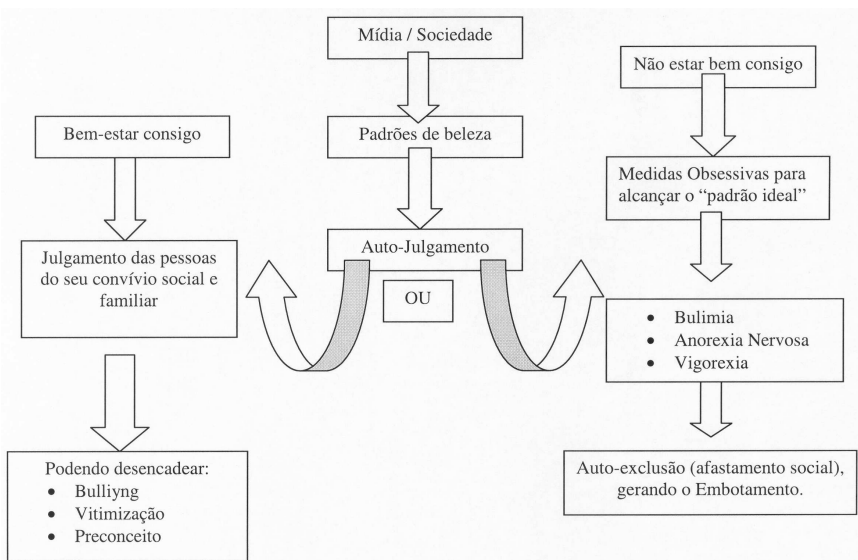
O gráfico 16 mostra que dos sujeitos coletados, 76% gostam de sua aparência, enquanto que 24% não gostam da sua auto-imagem. Já o gráfico 17 mostra que, dos sujeitos coletados, 59% disseram que gostariam ter a aparência de alguma figura famosa, enquanto 41% estão satisfeitos com sua própria imagem.

Jodelet, 1984 enfatiza a importância do estudo do corpo a partir da perspectiva das representações sociais, pois estas assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamento e de comportamento a ele relacionados. Nesse

sentido, o mesmo afirma que a imagem externa do corpo, aparece como um mediador do lugar social, onde o indivíduo está inserido. Além disso, a autora descreve o corpo também como mediador do conhecimento de si e do outro, que se estabelece a partir das relações com o outro.

A interação de atores sociais através da mídia pode dar-se através dos sistemas de comunicação e difusão, direcionados a um grupo social com identidade difusa, é moderado pela própria audiência, tendo em vista que a informação aqui se constitui em produto, isto é, o objetivo é de simplesmente informar, o que contribui para a formação do saber comum (MOSCOVICI, 1978).

Em relação ao modo como ver e viver o corpo, a mídia estipula modelos de beleza, que são absorvidos pela sociedade como um padrão a ser imitado (TAVARES & BRASILEIRO, 2003). Para tanto elaboramos um diagrama sobre esse fenômeno.



Partindo da compreensão do diagrama, surge a pungente necessidade de incorporarmos na atuação docente do ensino fundamental, a compreensão ampla do adoecimento psíquico, tanto das crianças que não aceitam a auto-imagem e sofrem com estigmatizações, quanto dos indivíduos

que segregam e descriminam o que não é semelhante. Portanto, propomos que o enfermeiro esteja inserido na capacitação docente de ensino fundamental e médio, esclarecendo alguns conceitos, desmistificando preconceitos e orientando professores, pais e alunos sobre a importância da saúde psicossocial de nossas crianças.

4. CONCLUSÃO

O presente estudo apresentou dois objetivos, sendo que os mesmos foram plenamente alcançados. Identificamos que as consequências da obesidade infanto-juvenil interferem significativamente no convívio familiar e social dos mesmos.

Observamos que em nossa cultura ainda há preconceitos em relação ao indivíduo obeso, o que pode acarretar a redução de auto-estima afetando diretamente na psique e na saúde mental dos mesmos. Em relação ao outro objetivo da pesquisa, foi constatado que, em âmbito geral, a relação social entre crianças e pré-adolescentes para com pacientes obesos pode ser nociva, caso não haja conscientização, a não exclusão e estigmatização dessas pessoas, buscando a saúde mental e social tanto dos jovens obesos quanto a dos não obesos. O que não desmerece a necessidade concomitante para o controle de peso e saúde nutricional infanto-juvenil em nossa sociedade. É importante salientar que o jovem obeso deve ser assistido por uma equipe multiprofissional para obter um melhor tratamento em todas as áreas e não somente em uma específica. A atuação do profissional enfermeiro é mais ampla que uma análise superficial sobre o fenômeno da obesidade em nossa sociedade, pois atentaremos para o tratamento do paciente que apresenta a obesidade infanto-juvenil, considerando as questões físicas e mentais deste, bem como para a conscientização social, objetivando não prejudicar a auto-estima de um indivíduo que momentaneamente não se enquadre nas exigências de uma sociedade perfeccionista e com rígida valorização da imagem física.

Os resultados da pesquisa confirmaram o que provavelmente já se sabia a respeito da obesidade infanto-juvenil, que existe preconceito social voltado aos indivíduos obesos, que podem sofrer psicologicamente e socialmente com tal fato. Nos resultados obtidos percebemos a falta de coerência nas respostas por parte dos sujeitos entrevistados, onde muitos marca-

ram a “resposta correta” no questionário com o propósito de demonstrar ser uma pessoa sem preconceitos, evitando assim algum tipo de julgamento por parte do entrevistador, e quando houve perguntas sobre a percepção que o indivíduo tem sobre si, notou-se também uma contradição, demonstrando desta forma que a maioria não está satisfeita com a sua aparência, reforçando a perspectiva do apelo cultural e contemporâneo para o culto a forma física.

Ao analisarmos as repostas, como citado anteriormente, houve o cuidado por parte dos entrevistados parecerem “politicamente corretos”, o que nos remete as seguintes elucubrações: que, no cotidiano, o preconceito pode ser maior que o captado neste estudo. Há grande distorção da psique e da auto-imagem na busca incessante do culto ao corpo perfeito e longilíneo. Esperamos que com este estudo tenhamos ajudado a esclarecer mais sobre o fenômeno social que a obesidade infanto-juvenil representa para a sociedade, e principalmente para a saúde pública e mental. Em alguns casos essa obsessão de emagrecer e ter um corpo bonito faz com que muitos adotem medidas obsessivas com o propósito de alcançá-lo, tornando-se dessa maneira cada vez mais adoecidos psicologicamente.

Sugerimos também que o tema seja mais explorado pelos profissionais de saúde, pois, nesse trabalho, enfatizamos a atenção à saúde psicossocial. A atuação dos profissionais de saúde na prevenção e um melhor entendimento a respeito desse problema pode ocorrer em algumas situações, como por exemplo, na saúde do escolar e na visitação da equipe de Estratégia à Saúde da Família - ESF, onde esta irá identificar um provável membro da família que é propenso a desenvolver a obesidade, explicando não somente para esse, mas para sua família, o que deve ser feito para evitar que essa situação se agrave. Da mesma forma, o profissional enfermeiro juntamente com o profissional de educação infanto-juvenil, pode atuar conscientizando os alunos sobre o que é e o que representa o *bullying* dentro das escolas, pois muitos sofrem efeitos biopsicossociais por conta desta vitimização.

Os pesquisadores do presente estudo pretendem disponibilizar à escola de ensino fundamental que serviu como cenário da pesquisa, sugestões direcionadas à saúde psicossocial infanto-juvenil, focadas na compreensão e aceitação da diversidade fenotípica, bem como a valorização e fortalecimento da auto-imagem. Com isso tentaremos proporcionar nos sujeitos deste estudo benefícios psicológicos e sociais.

5. REFERÊNCIAS

ALLON N. **Self-perceptions of stigma of overweight in relation to weight-patterns.** Am J Clin Nutr 1979; 32: 470-80.

AMARO, A.; PÓVOA, A.; MACEDO, L. **A arte de fazer questionários.** Disponível em http://74.125.155.132/scholar?q=cache:XSzrV0gNu84J:scholar.google.com/+tipos+de+question%C3%A1rios&hl=pt-BR&as_sdt=2000> Acesso em 18 ago. 2010.

ANDRADE, A.; BOSI, M. L. M. **Mídia e subjetividade : impacto no comportamento alimentar feminino.** Revista de Nutrição, Campinas, v.16, n. 1, jan./mar. 2003.

ANDRIEU, B. (2006). **Le dictionnaire du corps em sciences humaines e sociales.** Paris: CNRS.

BALADAN G, Silva GAP. **Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes de uma escola da rede privada de Recife.** J Pediatr (Rio J) 2001; 77:96-100.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998

CITELI, M. T.(2001). **Fazendo diferenças: Teorias sobre gênero, corpo e comportamento.** Revista de Estudos feministas, 9(1), 131-145.

CYSNEIROS MAPC. **Obesidade na infância e adolescência.** Pediatría Moderna 1996; 32: 705-1.

ESCRIVÃO MAMS, Oliveira FLC, Taddei JAAC, Ancona-Lopez F. **Obesidade exógena na infância e adolescência.** J Pediatr 2000; 76: 305S-310S.

FERRIANI M.G.C et al. **Auto-Imagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso.** Rev. Brás. Saúde Mater. Infant., Recife, 5(1): 27-33, jan./ mar., 2005.

GIORDANI R. C. F. **A auto-imagem corporal na anorexia nervosa: uma abordagem sociológica.** Psicol. Soc. vol.18 no.2 Porto Alegre, 2006.

IBGE acessado em 24/09/2010 no site: www.ftp.ibge.gov.br/Indicadores/Sociais/Crianças_e_Adolescentes/Características_Gerais.

JODELET, D. (1984). **The representation of the body and its transformations.** In R. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social representations* (pp. 221-238). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

KAUFMAN, Arthur. **Obesidade infanto-juvenil.** Revista Brasileira de Medicina, São Paulo, 1999. Acessado em: 11/10/10, disponível em: http://www.cibersaude.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=936.

KUTSCKA, H.J. **O consumo do belo.** In: CORDÁS, T.A. *Fome de cão. Quando o medo de ficar gordo vira doença: anorexia, bulimia e obesidade.* São Paulo : Maltese, 1993. p.103-110.

LAMOUNIER J. A. et al. **Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes das regiões sudeste e nordeste.** J. Pediatr.Rio J. vol.78 no.4 Porto Alegre 2002.

MARRA M; **As fortalezas e sofismas da Batalha Espiritual.** Acessado em: 12/10/10, disponível em: <http://www.lideranca.org/cgi-bin/index.cgi?action=forum&board=teologia&op=display&num=3401>.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes; 2002

MOREIRA, J. O; MACHADO, M. G. **O (não) lugar do corpo obeso na contemporaneidade: paradoxos de uma época.** In: XIII Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica, 2009, Belo Horizonte. Anais XIII Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica. Belo Horizonte, 2009. p. 56-64.

MOSCOVICI, S.(1978). **A representação social da psicanálise (A. Cabral, Trad.).** Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

MULLER RCL. **Obesidade na Adolescência**. *Pediatr Mod* 2001; 37: 45-8. [Ed. especial].

NGUYEN VT, Larson DE, Johnson RK, Goran MI. **Fat intake and adiposity in children of lean and obese parents**. *Am J Clin Nutr* 1996; 63:507-13.

NETO AA, Saavedra LH. **Diga NÃO para o *Bullying***. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.

POLIT, D.F.; BECK, C.T.; HUNGLER, B.P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: método, avaliação e utilização**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSEMBERG. F. **A escola e as diferenças sexuais**. SBPC. vol. 27, Fundação Carlos Chagas, Belo Horizonte 1975.

SERRA, G. M. A., & Santos, E. M. (2003). **Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito**. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(3), 691-701.

SIMÕES, D.; MENESES, R. F. **Auto-conceito em crianças com e sem obesidade**. *Psicologia: Reflexão e Critica* porto Alegre, v.20, n.2, 2007.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.

TAVARES, L. B., & BRASIELIRO, M. C. E. (2003). **O espelho de Narciso: o corpo belo representado por adolescentes**. In III jornada Internacional e I conferencia Brasileira sobre representações sociais, Textos Completos, Rio de Janeiro, RJ.

VEIGA A. P. **A institucionalização da beleza no universo feminino** IGT na Rede. Vol 3, nº 5 Rio de Janeiro 2006.